

# CONEXÕES ENTRE O COMPORTAMENTO DO GATO DOMÉSTICO E CASOS DE MAUS-TRATOS, ABANDONO E NÃO ADOÇÃO

*Connections between domestic cat behavior and abuse cases, abandonment and not adopting*

*Rita Leal Paixão*

Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Professora associada no Departamento de Fisiologia e Farmacologia do Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense. Médica veterinária e filósofa E-mail: rita\_paixao@uol.com.br

*Juliana Clemente Machado*

Mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - MG e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva (Associação UFRJ, UERJ, UFF e FIO-CRUZ). Bióloga, E-mail: juliajoe@terra.com.br

Recebido em 30.07.2015 | Aprovado em 23.07.2015

**RESUMO:** Ao lado do cão o gato doméstico desempenha atualmente um papel significativo na categoria de animal de companhia, no Brasil e no mundo. Todavia, a relação que a sociedade mantém com o gato é bastante ambígua, pois ao mesmo tempo em que cresce o número de gatos como animais de estimação, existem muitos registros de maus-tratos, abandono, reduzida taxa de adoção e alto índice de mortalidade. Sabe-se que o comportamento do gato é motivo de muitas dúvidas e julgamentos equivocados. Portanto, o objetivo deste trabalho foi apresentar como são as situações de maus-tratos, abandono e não adoção que ocorrem atualmente com o gato doméstico buscando uma conexão entre estes atos e os comportamentos por ele exibidos. Ao realizar uma revisão de trabalhos que abordam este

tema, foi possível inferir que cada ação humana eticamente reprovável direcionada ao gato pode ser influenciada, entre outros fatores, pela compreensão equivocada ou não aceitação do comportamento deste animal. O modo como esta conexão pode acontecer é discutido neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gato; comportamento; ética animal; bem-estar animal; maus-tratos.

**ABSTRACT:** The domestic cat is an animal whose behavioural characteristics are very similar to their wild relatives, although he is classified as a pet. Beside the dog, cat plays a statistically significant role in this category, in Brazil and worldwide. However, the relationship that contemporary society has with the cat is quite ambiguous, because at the same time that he has an important role as a pet, there are records of abuse, abandonment, reduced adoption rate and high death rate of these animals. Several factors contribute to this conflicting relationship and some studies have pointed to the possible interference of their misunderstood behaviour as an aggravating of this situation. So, the objective of this study was to present situations of abuse, abandonment and non-adoption that happen today with the domestic cat, trying to relate them to the normal behaviours displayed by him. At the end it is possible to recognize a picture in which each ethically reprehensible human action directed to the domestic cat is influenced, among other factors, by people misunderstanding or non-acceptance about the normal behaviour of this animal.

**KEYWORDS:** Cat; behaviour; animal ethics; animal welfare; abuse.

**SUMÁRIO :** 1. Introdução - 2. Abandono - 2.1 Comportamentos que podem levar ao abandono - 3. Maus-tratos - 4. O problema da não adoção - 5. Conclusões - 6. Notas de Referência

## 1. Introdução

O número de gatos como animais de companhia cresce ao redor do mundo acompanhando a tendência dos Estados Unidos e da Europa<sup>1</sup>. No Brasil este crescimento também é significativo, embora no país o número de cães ainda seja superior<sup>2</sup>. Todavia, apesar deste crescimento, é bastante preocupante o fato de que o

gato é frequentemente vítima de maus-tratos físicos, abandono e morte, apresentando também reduzido índice de adoção<sup>3</sup>. Esta situação ambígua vivenciada pelo gato doméstico atualmente é algo recorrente em sua histórica relação com o ser humano. No Egito antigo, por exemplo, este animal era admirado e venerado como um Deus. Na Europa medieval, ao contrário, o gato era compreendido como a representação simbólica do mal e a sua perseguição e morte eram comuns. Contudo, durante as Cruzadas, o gato foi novamente aceito dentro da sociedade europeia, embora isto se devesse ao seu valor utilitário como caçador de roedores transmissores de doenças<sup>4</sup>. Na Idade Moderna, o gato volta a ser perseguido, repetindo a percepção simbólica negativa que lhe era atribuída na Idade Média<sup>5</sup>. Em diversas culturas, esta relação - ora positiva e ora negativa - se repete. Neste contexto, alguns dos seus comportamentos são aprovados, como a auto-limpeza, representativa de higiene e outros são condenados, como o ato de caçar animais da fauna silvestre<sup>6</sup>.

Segundo Serpell<sup>7</sup>, a percepção de um animal por uma pessoa ou sociedade está relacionada com os atributos físicos e comportamentais da espécie bem como com as características da pessoa que interage e pensa sobre o animal. Este sistema complexo possui elementos que juntos configuram a situação de um animal na sociedade contemporânea. Serpell ainda afirma que existe uma relação causal entre vários aspectos do comportamento animal e o nível de afeição desenvolvido pelo tutor em direção a ele. Assim, dado que o comportamento do gato é frequentemente percebido de maneira negativa pelas pessoas<sup>8</sup> entendemos ser fundamental conhecer estes comportamentos e as situações negativas vivenciadas por este animal, buscando encontrar uma conexão. Assim, o objetivo deste trabalho foi revisar situações de maus-tratos, abandono e não adoção que acontecem hoje com o gato buscando conectá-las teoricamente com os comportamentos normais por ele exibidos.

## 2. Abandono

O abandono de animais de companhia, especialmente cães e gatos, é um problema recorrente em todo o mundo. De acordo com a *The Humane Society of the United States*, estima-se que nos Estados Unidos entre 6 a 8 milhões de cães e gatos são abandonados em abrigos todos os anos<sup>9</sup>. Tal problema faz parte de um sistema ainda mais complexo relacionado com os casos futuros de eutanásia - devido à superpopulação de animais nos abrigos - com os casos de reprodução indesejada nas ruas e com as situações de maus-tratos<sup>10</sup> já que muitas vezes animais de rua são compreendidos como presenças inconvenientes ou potenciais transmissores de zoonoses.

No caso específico do gato doméstico, há um número crescente de animais sem tutores em vários países e muitos destes felinos foram abandonados ou são filhotes que nasceram diretamente nas ruas<sup>11</sup>. De acordo com Olson e Moulton<sup>12</sup> os animais são abandonados porque muitos tutores não estão comprometidos com as responsabilidades contínuas de cuidado com seus animais. Segundo Rochlitz<sup>13</sup> os seguintes fatores contribuem para a ocorrência do abandono: mudanças pessoais do tutor, como gravidez, divórcio e alteração de residência, problemas financeiros, alergias e problemas comportamentais do animal. Com relação a este último fator, a autora destaca os comportamentos de eliminação, marcação de território e comportamento sexual como as principais causas do abandono. Beaver<sup>14</sup> acrescenta os comportamentos agressivos e as vocalizações. Overall<sup>15</sup> aponta para as nuances do comportamento social, já que a personalidade do animal pode não ser atraente para o seu tutor. Corroborando estes estudos, Souza-Dantas e colaboradores<sup>16</sup> demonstraram que no Brasil os principais comportamentos que geram insatisfação no tutor são os comportamentos de marcação de território, especialmente ao arranhar superfícies, eliminação inapropriada, comportamento agressivo e a saída da residência para encontros sexuais ou sociais nas ruas. Os autores

ainda destacam que diante destas insatisfações tutores optam pela eutanásia dos animais. Todavia no Brasil, é mais comum o abandono, principalmente diante da insatisfação gerada pelos três primeiros comportamentos citados.

Sobre os problemas comportamentais, é importante enfatizar que muitos comportamentos entendidos como problemáticos são, na verdade, naturais<sup>17</sup>. O que ocorre é a desconexão entre o que o tutor espera do seu animal e o que ele de fato exhibe. A aceitação do comportamento influencia o nível de afeição que o tutor desenvolve e por último interfere nas probabilidades de que um animal seja ou não abandonado<sup>18</sup>. Criar expectativas sobre a presença do gato na casa e não se informar a respeito dos comportamentos naturais da espécie, colabora para que haja a frustração do tutor, que por insatisfação, pode abandonar o gato<sup>19</sup>.

Sobre a expectativa criada pelo tutor, Serpell<sup>20</sup> comenta que existe uma intensa comparação do gato com o cão, o que influencia no modo como o tutor espera que o seu gato se comporte. O cão é um animal de companhia extremamente popular e é percebido como mais social que o gato. De fato, cães e gatos apresentam características evolutivas e biológicas que justificam a diferença entre seus comportamentos. Acredita-se que o processo de domesticação do cão foi artificial, promovido intencionalmente pelo ser humano há 33.000<sup>21</sup>. A domesticação do gato, ao contrário, ocorreu de forma natural. A tese mais aceita afirma que tenha ocorrido que há 9.500 anos, na região conhecida como Sudoeste Asiático. Gatos ferais (*Felis silvestris lybica*) se aproximaram dos ambientes humanos, pela disponibilidade de alimento e abrigo, sendo tolerados pelas pessoas. Ao longo do tempo, por seleção natural, os gatos (*Felis silvestris catus*) foram se diferenciando dos seus parentes selvagens<sup>22</sup>. Portanto, gatos representam um estágio primário de domesticação quando comparados com o cão e exibem características similares às de seus parentes selvagens, principalmente no comportamento social e alimentar<sup>23</sup>.

Sobre o padrão de caça, enquanto gatos normalmente caçam sozinhos, cães caçam em matilhas ou procuram em bando por alimento previamente escondido<sup>24</sup>. Cães possivelmente incluem os humanos no seu repertório social, os reconhecendo como membros da matilha e desenvolvendo habilidades especializadas para compreender o comportamento social e a comunicação humana<sup>25</sup>. Cães e humanos desenvolveram, no processo evolutivo, habilidades sócio comunicativas similares. Esta proximidade evolutiva e biológica faz com que a capacidade de sentir empatia pelos cães seja maior que a mesma capacidade relativa aos gatos, entendendo como empatia a capacidade de experimentar as necessidades do outro. Já que as diferenças entre esses animais de fato existem, expectativas similares no processo de adoção de um cão e um gato são incoerentes. Ao esperar comportamentos iguais de seres diferentes, é provável que haja a frustração do tutor, aumentando a probabilidade de que este abandone o animal<sup>26</sup>.

## 2.1 Comportamentos que podem levar ao abandono

Desde filhotes gatos realizam o comportamento aparentemente inato de cavar o solo após a eliminação de urina e fezes. Nas residências, geralmente se adaptam facilmente à caixa de areia podendo realizar até três visitas ao longo dia. É importante que a caixa de eliminação esteja na área de uso do animal, embora não tão próxima às áreas de alimentação e descanso ou em locais muito movimentados da casa. O tutor pode ensinar o gato a usar a caixa de areia levando-o após as refeições ou pela manhã a este local e mantendo-o na mesma por alguns minutos e repetindo este ensinamento por alguns dias, até que o animal se encaminhe sozinho até a caixa<sup>27</sup>. Se o gato não encontrar uma caixa de areia para eliminar, pode fazer isto em outros locais que contenham material similar, como em vasos de plantas contendo terra ou locais com areia de construção, papel picado ou

raspas de madeira. Os tutores devem estar atentos para evitar que isto ocorra, pois pode ser uma fonte de desagrado para os mesmos.

Quando urinam, gatos cavam um pequeno orifício na superfície composta por terra fofa ou areia, se posicionam agachados com a cauda rígida e horizontalmente estendida e urinam no referido espaço. Após a eliminação, eles jogam areia ou terra sobre a urina reduzindo a liberação do odor<sup>28</sup>. A eliminação de urina em jatos de spray não é considerada como um comportamento de eliminação propriamente dito e sim como uma forma de marcação territorial<sup>29</sup>.

Com relação à eliminação de fezes, tanto a postura corporal como os hábitos de cavar e enterrar o solo são semelhantes ao modo como acontece a eliminação de urina. Raramente os gatos deixam suas fezes descobertas e na verdade existem felinos que escondem não só as suas fezes como a de outros gatos. O que desencadeia o comportamento de enterrar as fezes é o odor que elas exalam e não necessariamente a presença de uma superfície adequada. Assim, gatos exibem este comportamento de enterrar mesmo na ausência de qualquer superfície apropriada, como areia ou terra<sup>30</sup>.

Naturalmente o gato irá buscar por espaços onde possa eliminar e depois enterrar as suas excretas e a ausência desta condição pode ser um fator de estresse para o animal. Gatos costumam deixar de eliminar em suas caixas de areia quando estão vivenciando estresse social, doenças do trato urinário ou quando a localização da sua caixa de areia não transfere tranquilidade e segurança<sup>31</sup>. Se este comportamento não for bem compreendido e aceito pelo tutor, pode ser uma razão para a ocorrência de abandono<sup>32</sup>.

A marcação de território é um dos comportamentos que mais desagradam os tutores<sup>33</sup>. Gatos marcam o seu território espalhando odores por meio dos comportamentos de urinar em spray, esfregar e arranhar, sendo que este último comportamento, além de adicionar odores próprios ao ambiente, também serve

para deixar sinais visuais da sua passagem no espaço<sup>34</sup>. Gatos possuem glândulas sebáceas ao redor da boca, queixo, canais auditivos, área perianal e entre os dedos. Os feromônios liberados pelas glândulas sebáceas estão envolvidos na marcação territorial e nas relações sociais. O animal marca alguns pontos no seu território esfregando principalmente a face e esta marcação o ajuda na orientação espacial, na classificação dos objetos como conhecidos e na sinalização sexual. O comportamento de esfregar em objetos é mais proeminente em machos adultos do que em fêmeas e filhotes<sup>35</sup>.

Durante marcação com a urina em spray, hormônios são liberados das glândulas perianais. Este comportamento relaciona-se com sinalizações sexuais geralmente de machos para fêmeas e com a marcação olfatória e visual de um território<sup>36</sup>. A urina em spray acontece quando há alguma excitação emocional, como durante a caça ou invasão do território. Também acontece quando há a perturbação do odor familiar por meio da presença de odores conflitantes como os de outro gato, cão ou humano. Este comportamento ocorre igualmente quando o território é física ou socialmente modificado e é usado para comunicar o status sexual do animal, para orientá-lo em termos de localização e tempo e para comunicar o seu estado emocional<sup>37</sup>.

Os comportamentos de marcação territorial não devem ser entendidos como anormais. No entanto para diminuir a exibição do comportamento de arranhar superfícies, sugere-se o oferecimento de arranhadores específicos, bem como carpetes e peças de madeira distribuídos na área de uso<sup>38</sup>. O comportamento de urinar em spray costuma ser minimizado com o rearranjo dos itens que compõem o ambiente do animal ou por meio da castração embora em casos extremos o tratamento com feromônios possa ser indicado<sup>39</sup>. Contudo, o desaparecimento de tais comportamentos não é garantido, já que estamos falando de seres vivos, e não de máquinas com supostos defeitos. Cada situação deve ser estudada caso a caso em parceria com um profissional, veterinário ou/e etólogo. O tutor deve refletir



eticamente se a exibição de um comportamento normal de um animal saudável pode ser um bom argumento para que ele seja abandonado.

Sobre o comportamento sexual do gato, trata-se de uma relação biológica do tipo poligâmica. Os machos dominantes se acasalam com mais de uma fêmea do grupo do qual fazem parte. A fêmea copula em média com quatro machos. Ao contrário dos machos, raramente as fêmeas saem do grupo para procurar parceiros e a frequência com que uma gata copula é de 15 a 20 vezes ao dia, durante os cinco dias em que fica no cio <sup>40</sup>.

O macho alcança a maturidade sexual entre nove a 12 meses de vida, quando é possível que exiba agressão intraespecífica e a marcação de território com urina. Já a maturidade sexual da fêmea acontece entre o quinto e nono mês de vida. A fêmea possui um ciclo reprodutivo do tipo poliestríco sazonal, ou seja, possui vários ciclos estrais ao longo do ano <sup>41</sup>.

O ciclo reprodutivo da fêmea é dividido em várias fases com características hormonais, exibições comportamentais e duração diferenciados. O anestro corresponde à época em que a gata não copula e dura em média três meses. Nesta fase ela agride o macho caso ele tente acasalar. O proestro é um período curto que dura de um a três dias e configura uma fase de preparação ao acasalamento. A gata vocaliza bastante, com um miado agudo e característico. Ela esfrega e arranha mais os objetos, rola no chão, mas ainda não aceita o macho que quando resolve investir é agredido com patadas. Eventualmente a gata pode efetuar o comportamento de urinar em spray. No estro as fêmeas vocalizam e esfregam ainda mais e continuam exibindo o ato de rolar no chão, embora menos que no proestro. Também exibem o comportamento de expor e retrair as garras de forma rítmica. Nesta fase, em especial na presença de um gato macho, é bem característica a postura de quadril e cauda elevados. O estro dura em média cinco dias e é quando as fêmeas permitem a cópula. As exibições comportamentais de cada uma destas fases devem ser bem compreendidas pelo tutor e divulgadas. Isto evitaria que as

peças entendessem tais atos como anomalias comportamentais ou que efetuassem julgamentos morais carregados de uma mistura de especismo e antropocentrismo, desqualificando estes animais em função do seu hábito de vida e modo de exibição sexual <sup>42</sup>.

O acasalamento entre os gatos acontece geralmente à noite. O macho emite vocalizações altas e graves sinalizando às fêmeas que está disponível e sinalizando a outros machos a sua presença. Também é comum exibir longas caminhadas e eliminar urina em spray em direção a objetos. Atraído pelos odores e vocalizações da fêmea, o macho se aproxima e efetua contatos com ela. A corte dura de cinco a 15 minutos e então ocorre a cópula. Após o ato a fêmea emite uma vocalização grave, sinalizando possibilidade de agressão e o macho então a deixa, eventualmente efetuando auto-limpeza se mantendo próximo a ela <sup>43</sup>.

Nas fases de proestro e estro gatos - especialmente a fêmea - exibem comportamentos considerados críticos na percepção de um tutor. Como já destacado, os atos de marcar o espaço arranhando objetos e liberar jatos de urina em spray são fatores comportamentais que influenciam no abandono <sup>44</sup>. A vocalização também é outra exibição natural, porém não aceita por muitas pessoas <sup>45</sup>. Além disso, no caso de animais não castrados, é comum que, se tiverem acesso às ruas, eles saiam geralmente à noite para, entre outras coisas, copular <sup>46</sup>. Este comportamento usualmente não é bem aceito pelos tutores ou por seus vizinhos.

No caso dos machos, com a influência adicional de outros hormônios, a testosterona é responsável tanto pela masculinização do cérebro do filhote quanto pela estimulação do hipotálamo do gato adulto. Isto resulta na exibição de comportamentos típicos, especialmente os comportamentos sexuais que incluem vagar à procura de fêmeas, montar sobre elas, morder o pescoço e efetuar a cópula. Também inclui a agressão entre machos e a marcação territorial, principalmente por meio de urina em spray. Com o processo de castração os machos reduzem os referidos comportamentos e por volta de três meses após a cirurgia

tais comportamentos costumam desaparecer. Estes efeitos, no entanto, variam entre os indivíduos e podem ser graduais ou ocorrer de forma rápida. Também há a influência de experiências sexuais prévias no desaparecimento destes comportamentos. No caso das fêmeas, a castração também reduz ou elimina comportamentos relacionados com a reprodução como aqueles típicos das fases de estro, gravidez, parto e cuidado parental<sup>47</sup>. Castrar o gato é uma medida recomendada para evitar a reprodução indesejada e minimizar ou eliminar comportamentos entendidos como problemáticos, diminuindo a probabilidade de que o animal seja abandonado em função destes comportamentos.

Sobre o comportamento social, existe uma compreensão equivocada de que gatos são exclusivamente não sociais, que caçam e vivem sozinhos. Esta idéia contribui para a visão de que são traiçoeiros, incapazes de estabelecer relações sociais<sup>48</sup>. De fato, gatos podem viver de maneira solitária sem prejuízos para a sua biologia. Contudo, o comportamento solitário deve-se muito mais ao modo como os recursos são distribuídos no ambiente. Quando os alimentos são disponibilizados em quantidades suficientes para sustentar um grupo e quando estão condensados em um espaço ao invés de espalhados, gatos tendem a exibir um modo de vida social<sup>49</sup>.

Gatos que vivem como animais de companhia nas residências frequentemente se envolvem em encontros fora das casas, em espaços comuns e ao ar livre. Como já relatado, estes encontros são muito relacionados com o comportamento sexual, mas também têm forte influência do comportamento social, já que muitas vezes estes animais se encontram e ficam por longo tempo próximos uns dos outros sem executar nenhum ato sexual. Estas saídas, no entanto, são incômodas para alguns tutores e perigosas para os animais, pois a sua presença indesejada em alguns espaços pode estimular atos de crueldade. A castração costuma reduzir estas saídas e deve ser, portanto, estimulada e divulgada<sup>50</sup>.

O período de socialização do gato corresponde àquela fase na qual o animal forma os vínculos sociais que desenvolverá ao longo da vida. É nesta fase em que as aproximações com outros gatos, humanos e outras espécies, como cães, devem ser estimuladas. Embora haja variação em função de fatores ambientais, genéticos, sexuais e diferenças individuais de personalidade, no geral o período sensível de socialização vai de duas a sete semanas de vida. Após este período a socialização não é impossível, mas vai se tornando mais difícil à medida que o animal cresce <sup>51</sup>. Animais que não foram adequadamente socializados, principalmente durante a fase jovem, podem manifestar a sua dominância com patadas, vocalizações e outras manifestações agressivas <sup>52</sup>.

Os comportamentos agressivos, também conhecidos como agonísticos, envolvem posturas corporais e atos relacionados com a fuga, ataque defensivo ou agressivo <sup>53</sup>. Acontecem em situações de comportamento sexual, alimentar ou em momentos em que estímulos externos ou internos fazem com que o animal se torne irritável. Gatos tendem a exibir comportamento agressivo em direção a novos membros <sup>54</sup> e isto faz com que a introdução bem-sucedida de um gato novo em uma residência, por exemplo, seja um processo complexo e demorado.

Machos adultos são os que mais se envolvem em confrontos, seja por competição sexual ou pela defesa do território e isto se deve ao hormônio testosterona. Gatos que estão sentindo dor ou medo, gatas protegendo seus filhotes e aqueles indivíduos que defendem um dado recurso, também podem manifestar comportamento agressivo quando ameaçados <sup>55</sup>.

Como o comportamento agressivo é apontado como um fator para o abandono <sup>56</sup> deve-se procurar um profissional para orientar sobre as melhores formas de lidar com esta situação. No geral, estratégias simples de enriquecimento ambiental que visem à melhoria no tamanho e complexidade do ambiente e do universo sensorial destes animais são muito úteis na redução destas exhibições. A castração também costuma reduzir tais

atos e em casos mais extremos, existem terapias com feromônios que têm demonstrado utilidade na minimização destes estados agressivos, especialmente se oriundos de situações de ansiedade<sup>57</sup>. Novamente, abandonar o animal não é a melhor solução e cabe ao tutor, como agente moral responsável, buscar a solução saudável desta situação.

Sobre o sucesso do relacionamento entre o gato e o homem, Mendl e Harcourt<sup>58</sup> apontam como fatores importantes para um relacionamento positivo: o convívio social do gato durante a fase de filhote, com a mãe e irmãos, a influência genética paterna, a qualidade do cuidado maternal, a duração e qualidade da socialização com o humano, a complexidade do ambiente e a raça. É importante também que o tutor avalie a sua própria personalidade e as expectativas que está depositando no animal que pretende adotar.

O abandono de gatos domésticos é uma falha gritante na responsabilidade humana e representa um comportamento imoral. Em muitos casos, este ato é também ilegal, embora a repressão e aplicação das leis sejam raras, pois é difícil provar a maioria dos casos. Buscamos mostrar até aqui, como são os principais comportamentos do gato doméstico destacados na literatura como problemáticos e possíveis promotores do abandono. Outros comportamentos podem também estar envolvidos na ocorrência deste ato, embora não existam registros a respeito. Sabemos, por exemplo, do desagrado que o comportamento de caça e predação pode gerar em algumas pessoas<sup>59</sup>. É possível que algum tutor abandone seu animal nas ruas ou abrigos por não tolerar a ocorrência de tal comportamento. O fato de o gato doméstico exibir o comportamento de dormir de 12 a 16 horas por dia<sup>60</sup>, também é algo que pode fazer com que um tutor mais ativo torne-se descontente frente à suposta inatividade do animal, preferindo abandoná-lo. Outro comportamento que pode levar à insatisfação é o comportamento de brincar, visto que eventualmente durante as brincadeiras gatos podem exibir mordidas e arranhões<sup>61</sup>.

A aceitação da natureza independente do gato pode ser um dos grandes segredos de uma relação harmoniosa entre o ser humano e o gato, especialmente se deixarmos de comparar o seu comportamento com o do cão. Podberscek<sup>62</sup> enfatiza a importância da educação, não só para gerar mais respeito pelos animais em geral, mas também para reduzir a incidência deste tipo de abuso devido à ignorância. Escolhas mais bem informadas resultam em adoções mais conscientes<sup>63</sup>.

### 3. Maus-tratos

Situações de maus-tratos são todas aquelas que causam dor e sofrimento a um animal. No Brasil estas ações estão previstas na Lei de Crimes Ambientais (Lei nº. 9605) de 12 de Fevereiro de 1998. A pena para estes crimes é a detenção de três meses a um ano e multa, aumentando a pena em 1/6 (um sexto) caso ocorra a morte do animal<sup>64</sup>.

Infelizmente, embora haja a criminalização destas ações e apesar das pessoas possivelmente terem uma percepção intuitiva de que determinados atos humanos podem causar dor, sofrimento e morte, estas ações não são raras. Elas podem inclusive ser explicadas com base no especismo – uma compreensão equivocada de que seres humanos são mais dignos de consideração moral que outros seres sencientes simplesmente porque possuem certos atributos entendidos como exclusivos<sup>65</sup>. Baseados no especismo julga-se a espécie humana como superior e, portanto, às demais espécies resta a subordinação à nossa.

Ao estudar os motivos que levam uma pessoa a cometer atos de crueldade com animais, Kellert e Felthous<sup>66</sup> concluem que as razões incluem a necessidade de controlar os animais; exibir retaliação frente a comportamentos inaceitáveis; satisfazer os preconceitos contra certas espécies ou raças; servir-se dos animais para expressar agressão contra alguém; reforçar a própria agressividade; chocar as pessoas para se divertir e deslocar para

o animal a agressividade que tenderia a ir em direção a uma pessoa. Fonseca e Dias<sup>67</sup> acrescentam que a crueldade reflete um desenvolvimento anormal do domínio moral do indivíduo, influenciando em sua habilidade em sentir empatia pelo outro não humano. Assim, efetuar maus-tratos com animais parece ser um forte indicador de ausência de empatia, bem como sinalizador de inabilidade de reflexão moral.

No caso específico do gato doméstico - mas não somente com ele - muitas pessoas sentem dificuldade em desenvolver empatia. Entende-se como empatia a capacidade de perceber e experienciar os sentimentos do outro<sup>68</sup> e de modo geral há uma relação inversa entre a capacidade de sentir empatia e a exibição de comportamentos agressivos. Dificuldades de percepção e inabilidades de controle emocional são apontadas como razões para déficits de empatia, geradores de agressividade. Acredita-se também que o desenvolvimento da empatia seja influenciado por fatores culturais e sociais<sup>69</sup>.

Bahling-Pieren e Turner<sup>70</sup> entendem que a dificuldade que algumas pessoas têm em desenvolver proximidade e empatia com o gato doméstico deve-se à distância evolutiva e biológica que temos em relação a estes felinos. Também pode ser justificado devido a influências culturais, místicas e simbólicas que alimentam este distanciamento<sup>71</sup>. Para muitas pessoas, causar dor e sofrimento ao gato não é algo compreendido como problemático<sup>72</sup>.

Uma das formas mais comuns de maus-tratos do gato é o envenenamento intencional, especialmente utilizando carbamatos ("chumbinho")<sup>73</sup>. As motivações para esta ação envolvem principalmente o desgosto das pessoas frente às visitas dos felinos em suas residências<sup>74</sup> e não é à toa que muitas campanhas incentivam que os tutores impeçam a saída dos gatos das residências, pois isto evita que o animal vivencie circunstâncias negativas, incluindo o envenenamento<sup>75</sup>.

É necessário compreender, entretanto que quando há a disponibilidade de espaço e recursos, gatos podem se envolver em

uma série de atividades em grupo e complexas relações sociais acontecem, nem sempre restritas à residência, mas para além deste território<sup>76</sup>. Este hábito não configura anormalidade comportamental. Todavia, considerando os perigos fora do espaço manejado pelo tutor, conclui-se que é necessário impedir estas saídas. A castração, como já destacado, pode reduzir este comportamento e aconselha-se telar as janelas e identificar os animais com coleiras ou microchips<sup>77</sup>. A noção de que estas saídas são normais e de que logo o animal retornará deve ser revista, pois pode retardar o socorro de um gato já envenenado<sup>78</sup>. Quanto aos gatos que não possuem tutores, é necessário incentivar os programas de castração, adoção e guarda - responsável, além de buscar educar as pessoas para que não os envenenem, pois além de ser um crime previsto na legislação, é uma ação que contradiz a noção de que animais possuem valor moral.

Além do envenenamento, outros modos de maus-tratos direcionados ao gato doméstico e relatados por Lockwood e Merk incluem colocar fogo no animal, afogá-lo, arremessá-lo do alto de uma edificação, não alimentá-lo, não oferecer água, negligenciar cuidados veterinários como vacinas e vermífugos e não prover abrigo adequado<sup>79, 80</sup>.

Os casos de maus-tratos com gatos domésticos além de justificados por questões de desconforto frente às suas visitas nas residências ou por motivos psicológicos do agressor são sustentados pela imagem mística que algumas pessoas alimentam em relação a este felino. Alguns comportamentos colaboram para que a mente das pessoas torne-se impregnada com superstições ou julgamentos pouco lógicos. Gatos tendem a exibir comportamento social durante o período noturno. É também durante a noite que gatos se envolvem em encontros sexuais. O hábito noturno e muitas vezes solitário esculpe uma percepção misteriosa e mística ao animal<sup>81</sup>.

Outro comportamento cuja exibição pode influenciar a percepção das pessoas a respeito do gato doméstico é o comportamento de caça. Como muitas vezes gatos se envolvem na cap-



tura de animais da fauna silvestre é comum que sejam julgados como animais maus, e que, portanto têm reduzido valor moral<sup>82</sup>. Além disso, há pessoas que acreditam que gatos são os maiores responsáveis pela extinção de espécies devendo ser eliminados como pragas<sup>83, 84</sup>.

O comportamento de caça não é exclusivamente exibido por gatos ferais e errantes e gatos que vivem em residências, quando possível, também caçam, mesmo sendo corretamente alimentados pelos seus tutores e castrados. As atividades de caça não acontecem apenas quando o gato está com fome. O gato pode matar e consumir a presa, matar e não comê-la, carregar a presa viva ou morta para a casa, ou “brincar” com ela antes de matá-la. Pode ainda levar a presa para outros gatos (ou para o tutor humano) ou guardá-la para consumir em outra ocasião<sup>85</sup>.

Sobre o fato de o gato brincar com a presa viva ou morta, acredita-se que as fêmeas estimulam este comportamento nos filhotes para aperfeiçoem a habilidade de matar uma presa quando adultos. Também acontece quando gatos adultos famintos se deparam com uma presa grande e difícil. Este comportamento serviria então para cansá-la antes de matá-la de modo que ela esteja com suas habilidades de defesa reduzidas. Quando o animal brinca com a presa morta, provavelmente está liberando energia acumulada durante o processo de caça e morte<sup>86</sup>.

É necessário compreender, portanto, que caçar trata-se de um comportamento natural da espécie e que não deveria envolver nenhuma classificação antropomórfica e valorativa do gato como agente moral. Os atos em questão são biologicamente comuns, embora possam ser evitados quando o tutor impede as saídas do animal para além da residência. Alguns profissionais recomendam ainda que se coloque um pequeno sino na coleira do gato de modo que o som do objeto sinalize a chegada do gato e permita que a presa escape a tempo<sup>87</sup>. Mesmo que não haja relatos formais de inadequação com o sino, é interessante que o tutor fique atento à possibilidade deste objeto gerar estresse ao animal.

Outro comportamento que pode ser percebido de forma equivocada pelas pessoas promovendo a execução de maus-tratos é o comportamento sexual. Lockwood<sup>88</sup> sinaliza a possibilidade de isto ocorrer porque gatos possuem um comportamento sexual compreendido como promíscuo o que em uma interpretação antropocêntrica, é negativamente julgado pela nossa sociedade. Os ancestrais diretos do gato doméstico possuíam um sistema de acasalamento poligâmico, em que múltiplos machos e fêmeas acasalavam-se entre si e no presente tal sistema permanece praticamente intacto.

Quando vivem em colônias, gatos machos dominantes se acasalam com mais de uma fêmea garantindo a dominância até que deixem momentaneamente o grupo em busca de fêmeas de grupos vizinhos. As fêmeas, por sua vez, raramente saem do grupo para procurar parceiros e durante os cinco dias em que ficam no cio copulam na frequência de 15 a 20 vezes ao dia<sup>89</sup>. Talvez em uma sociedade em que ainda há um intenso julgamento moral das mulheres, observar antropomorficamente o comportamento sexual do gato, em especial da fêmea, leve a percepções negativas a seu respeito. Lockwood<sup>90</sup> inclusive aponta a existência de uma relação entre pessoas que praticam maus-tratos com gatos domésticos e a probabilidade de que também violentem mulheres. Em diversas culturas o gato está simbolicamente associado ao feminino, em uma classificação que mistura gênero e sexualidade<sup>91</sup>.

Assim como acontece com os casos de abandono, é possível que haja a influência adicional de outras exposições comportamentais nos casos de maus-tratos justificados pela percepção negativa construída a seu respeito. Todavia, buscamos elucidar até o momento os comportamentos que de alguma forma, influenciam nesta percepção. É uma constante no presente trabalho a defesa de que para gerar o compromisso de uma relação mais saudável entre o homem e o gato, é necessária uma educação que esclareça a realidade comportamental deste felino. Ademais é urgente a promoção da consciência para a guarda-responsável

de modo a prevenir situações decorrentes da irresponsabilidade dos guardiões que muitas vezes se traduzem em indesejáveis cenários de maus-tratos.

#### 4. O problema da não adoção

As taxas de adoção de gatos domésticos - principalmente adultos e idosos - são reduzidas em todo o mundo. Em muitos países os animais são mantidos em abrigos por longos períodos e muitas vezes são eutanasiados <sup>92,93</sup>. Segundo Rochlitz a maioria dos felinos eutanasiados eram animais saudáveis, perfeitamente aptos para adoção<sup>94</sup>.

Enquanto vivem nos abrigos, é comum que o bem-estar destes animais esteja comprometido, produzindo ansiedade, medo, tédio, estresse e doenças. A melhoria do bem-estar pode ser conseguida com a utilização de ambientes mais complexos projetados para atender as necessidades dos gatos e promovendo rotinas de tratamento consistentes e que envolvam a familiarização com o cuidador. Esta prática é importante porque permite a elevação do nível de bem-estar destes animais e possibilita que animais mais saudáveis sejam mais facilmente adotados. Quanto menos tempo o gato fica no abrigo, ou seja, quanto mais rapidamente o animal encontra um adotante responsável, mais facilmente sua condição de vida melhora<sup>95</sup>.

De acordo com Turner, alguns fatores são conhecidos como influenciadores no processo de adoção de gatos domésticos e incluem: Características do animal, como cor, tamanho, peso, sexo, personalidade e raça; características do adotante, como idade e sexo e características do espaço disponível para o animal, incluindo número de pessoas na casa em que ele viverá e a presença de outros gatos<sup>96</sup>. Outro fator que influencia a adoção destes animais inclui o nível de atividade do animal. Porém, quando um gato será em um abrigo, está diretamente relacionado com

a riqueza do espaço em que ele vive e com a possibilidade de interagir com outros<sup>97</sup>.

Também é possível que muitos dos adotantes que vão ao abrigo em busca de um gato, o fazem motivados por uma simpatia prévia. Pessoas que não simpatizam com o gato muito dificilmente irão até estes locais. Assim, se hoje há um reduzido índice de adoção de gatos domésticos em todo o mundo<sup>98</sup> e se ao mesmo tempo os abrigos estão cada vez mais superlotados, isto é um termômetro da reduzida simpatia que este felino desperta nas pessoas. Para os simpatizantes, estes animais podem ser substitutos nas conexões sociais, embora, para a grande maioria, gatos representem uma fonte adicional de suporte emocional<sup>99</sup>. Embora o relacionamento do homem com o gato não substitua o relacionamento entre as pessoas, estes animais são compreendidos como importantes promotores de prazer e conforto emocional para seus tutores<sup>100</sup>. Talvez a disseminação destas percepções positivas estimule o interesse das pessoas em conhecer o animal como ele de fato é, para além de todas as crenças místicas e desinformações comportamentais.

Os comportamentos que destacados neste estudo como possíveis influenciadores nos atos de abandono e maus-tratos de gatos domésticos igualmente podem desfavorecer a motivação das pessoas em adotar estes animais. Quando alguém vai até um abrigo, no entanto, é fundamental esclarecer sobre o comportamento e a personalidade dos gatos confinados e direcionar o possível adotante para aquele animal que mais atenda as suas expectativas<sup>101</sup>. Isto evita que haja a frustração por parte do tutor e que um processo de adoção transforme-se futuramente em um caso de abandono ou maus-tratos.

Ellis afirma que sobre a personalidade do gato doméstico, existem animais que são naturalmente mais ativos e outros que são passivos, frustrados ou ansiosos<sup>102</sup>. Animais ativos, geralmente se envolvem em atividades que possibilitam o redirecionamento do seu excesso de energia. Já os passivos optam por situações que lhes ofereçam segurança. Esta diferença no estilo

comportamental do animal pode ocorrer devido a fatores relacionados com o seu histórico de vida, como procedência, genética paterna, familiarização com outros animais e humanos no período sensível, vivência de maus-tratos e raça<sup>103</sup>. No processo de adoção, estes traços do comportamento devem ser cuidadosamente avaliados para que um tutor com estilo de vida ativo, por exemplo, não adote um gato que não se enquadre em seu perfil. Há chance de que este adotante se incomode com a passividade do animal. Ao mesmo tempo, um gato muito ativo não se adaptará a uma residência passiva ou em que o adotante fica por pouco tempo, havendo possibilidade de que se desenvolvam estresse, doenças e anormalidades comportamentais<sup>104</sup>.

Além da questão comportamental enfatizada no presente estudo, a percepção mística que algumas pessoas possuem em relação ao gato também influencia nas taxas de adoção<sup>105</sup>. Por exemplo, gatos de pelagem preta têm menores chances de serem adotados que os de outras cores<sup>106</sup> e ressaltam as razões para isto incluem o fato destes felinos continuarem sendo associados negativamente com superstições, especialmente magia negra e bruxaria<sup>107</sup>. Assim, sabendo que aliados ao fator comportamental somam-se fatores de influência cultural, é possível remanejar os processos de educação para uma melhor percepção a respeito destes animais bem como planejar estratégias mais eficientes de adoção nos abrigos.

## 5. Conclusões

Buscamos oferecer neste trabalho um espaço para refletir a respeito das possíveis conexões entre o comportamento exibido pelo gato doméstico e a percepção das pessoas a respeito dos mesmos. Estas percepções muitas vezes deságuam em situações de abandono, maus-tratos e não adoção. Nos baseamos em relatos já presentes na literatura e percebemos que as justificativas comportamentais são muito mais comuns para os casos de

abandono do que para as situações de maus-tratos e não-adoção. Aparentemente, o abandono decorre, entre outras razões, pelo desgosto do tutor mal informado frente às exhibições comportamentais do gato. Como discutido por outros autores, portanto, é fundamental que ao adotar este animal o tutor tenha em mente quais são as suas expectativas e seja suficientemente informado a respeito das características comportamentais do gato, enfatizando as responsabilidades éticas e legais de uma guarda responsável. Sobre os casos de maus-tratos e não adoção, embora possa ocorrer a influência da má compreensão ou não aceitação do comportamento felino, questões relacionadas com a ausência de empatia e preconceitos históricos frente a estes animais são também bastante significativas. Neste sentido, buscar desenvolver a referida empatia em crianças e adolescentes pode ser uma estratégia, pois possivelmente estes se tornarão adultos mais informados com menores chances de agir de modo antiético. Isto pode ser conseguido por meio de oportunidades educativas que esclareçam as características comportamentais deste animal e elucidem suas capacidades de sentir dor, medo, prazer e outras sensações. Abordar a questão da consciência animal também pode fazer com que as pessoas se identifiquem de alguma maneira com estes felinos. Sempre que possível, os preconceitos históricos frente ao gato doméstico também devem ser desconstruídos. Na verdade, embora não tenha sido o foco deste estudo, entendemos que são nos momentos de educação formal ou informal que tais assuntos devem ser abordados de modo que se desenvolvam novos olhares em direção a este animal - e a todos os outros.

Neste trabalho nós pudemos reconhecer um panorama em que cada ação humana eticamente reprovável direcionada ao gato doméstico pode estar vinculada a uma compreensão equivocada ou não aceitação a respeito do seu comportamento por parte das pessoas. Embora gatos sejam admirados pela sua natureza independente e resiliente, seu bem-estar é amplamente dependente do cuidado oferecido pelo homem. Neste sentido

negligenciar estas responsabilidades vai contra as designações de uma ética que se preocupa com a consideração moral dos animais.

## 6. Notas de Referência

- <sup>1</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>2</sup> ABINPET: Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação. 2011. Disponível em < <http://abinpet.org.br/> >. Acesso em 20 set 2014.
- <sup>3</sup> GOURKOW, N.; FRASER, D. The effect of housing and handling practices on the welfare, behavior and selection of domestic cats (*Felis silvestris catus*) by adopters in an animal shelter. *Animal Welfare*, v.15, p.371-377, 2006.
- <sup>4</sup> SERPELL, J.A. Domestication and history of the cat. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 180-191.
- <sup>5</sup> DARNTON, R. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, *passim*.
- <sup>6</sup> MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R.L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *Revista Interthesis*, v.11, n.1, p.231-253, 2014.
- <sup>7</sup> SERPELL, J.A. Factors influencing human attitudes to animals and their welfare. *Animal Welfare*, v. 13, n.1, p. 145-151, 2004.
- <sup>8</sup> PATRONEK, G.J. et al. Risk factors for relinquishment of cats to an animal shelter. *Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA)*, v.209, n.3, p. 582-588, 1996.
- <sup>9</sup> SHORE, E. Returning a recently adopted companion animal: adopters' reasons for and reactions to the failed adoption experience. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.8, p.187-198, 2005.
- <sup>10</sup> SANTANA, L.R; OLIVEIRA, T.P. Guarda responsável e dignidade aos animais. *Revista Brasileira de Direito Animal*, v.1, p.207-230, 2006.

- <sup>11</sup> ROBERTSON, S.A. A review of feral cat control. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v.10, p.366-375, 2008.
- <sup>12</sup> OLSON, P.N.; MOULTON, C. Pet (dog and cat) overpopulation in the United States. *Journal of reproduction and Fertility*, v.47, p.433-438, 1993.
- <sup>13</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>14</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>15</sup> OVERALL, K. *Clinical Behavioral Medicine for Small Animals*. St. Louis: Mosby-Year Book, 1997, *passim*.
- <sup>16</sup> SOUZA-DANTAS, L.M. et al. Epidemiology of domestic cat behavior and welfare issues: a survey of Brazilian referral animal hospitals in 2009. *International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine*, v.7, p.130-137, 2009.
- <sup>17</sup> HEIDENBERGER, E. Housing conditions and behavioural problems of indoor cats as assessed by their owners. *Applied Animal Behaviour Science*, v.51, p.345-364, 1997.
- <sup>17</sup> SERPELL, J.A. Evidence for an association between pet behavior and owner attachment levels. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 47, p. 49-60, 1996.
- <sup>18</sup> PATRONEK, G.J. et al. Risk factors for relinquishment of cats to an animal shelter. *Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA)*, v.209, n.3, p. 582-588, 1996.
- <sup>19</sup> SERPELL, J.A. Domestication and history of the cat. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 180-191.
- <sup>20</sup> OVODOV, N. D. et al. A 33,000-Year-Old Incipient Dog from the Altai Mountains of Siberia: Evidence of the Earliest Domestication Disrupted by the Last Glacial Maximum. *Plos One*, v.6, n.7, e22821, 2011.
- <sup>21</sup> DRISCOLL, C.A.; MCDONALD, D.W.; O'BRIEN, S.J. From wild animals to domestic pets, an evolutionary view of domestication. *PNAS*, v. 106, n.1, p. 9971-9978, 2009.



- <sup>22</sup> BRADSHAW, J.W.S.; HORSFIELD, G.F.; ROBINSON, I.H. Feral cats: their role in the population dynamics of *Felis catus*. *Applied Animal Behaviour Science*, v.65, p.273-283, 1999.
- <sup>23</sup> HARE, B.; TOMSELLO, M. Domestic dogs (*Canis familiaris*) use human and conspecific social cues to locate hidden food. *Journal of Comparative Psychology*, v.113, p.173-177, 1999.
- <sup>24</sup> MIKLÓSI, A.; PONGRÁEZ, P.; LAKATOS, G.A. Comparative study of use of visual communicative signals in interactions between Dogs (*Canis familiaris*) and humans and Cats (*Felis catus*) and humans. *Journal of Comparative Psychology*, v. 119, n.3, p.179-186, 2005.
- <sup>25</sup> BAHLIG-PIEREN, Z.; TURNER, D. Anthropomorphic interpretations and ethological descriptions of dog and cat behavior by lay people. *Anthrozoös*, v. 12, n. 4, p. 205-210, 1999.
- <sup>26</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>27</sup> BRADSHAW, J.W.S; CAMERON-BEAUMONT, C. The signaling repertoire of the domestic cat and its undomesticated relatives. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 67-94.
- <sup>28</sup> BRADSHAW, J.W.S.; CASEY, R.A.; BROWN, S.L. *The behaviour of the domestic cat*. Wallingford: CABI International, 2012, *passim*.
- <sup>29</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>30</sup> NEILSON, J. Feline House Soiling: Elimination and Marking Behaviors. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, v.33, p.187-301, 2003.
- <sup>31</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>32</sup> PATRONEK, G.J. et al. Risk factors for relinquishment of cats to an animal shelter. *Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA)*, v.209, n.3, p. 582-588, 1996.

- <sup>33</sup> ROCHLITZ, I. A review of the housing requirements of domestic cats (*Felis silvestris catus*) kept in the home. *Applied Animal Behaviour Science*, v.93, n.1-2, p. 97-109, 2005.
- <sup>34</sup> PAGEAT, P.; GAULTIER, E. Current research in canine and feline pheromones. *The Veterinary clinics of North America. Small animal practice*, v.33, n.2, p.187-211, 2003.
- <sup>35</sup> RODAN, I. Understanding Feline Behavior and Application for Appropriate Handling and Management. *Topics in Companion Animal Medicine*, v.25, n.4, p.178-188, 2010.
- <sup>36</sup> PAGEAT, P.; GAULTIER, E. Current research in canine and feline pheromones. *The Veterinary clinics of North America. Small animal practice*, v.33, n.2, p.187-211, 2003.
- <sup>37</sup> ROCHLITZ, I. A review of the housing requirements of domestic cats (*Felis silvestris catus*) kept in the home. *Applied Animal Behaviour Science*, v.93, n.1-2, p. 97-109, 2005.
- <sup>37</sup> MILLS, D.S.; REDGATE, S.E.; LANDSBERG, G.M. A Meta-Analysis of Studies of Treatments for Feline Urine Spraying. *PLoS ONE*, v.6, e18448, 2011.
- <sup>38</sup> LIBERG, O. et al. Density, spatial organization and reproductive tactics in the domestic cat and other felids. In: TURNER, D.C ; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 119-147.
- <sup>39</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>40</sup> *Idem, ibidem*
- <sup>41</sup> BRADSHAW, J.W.S.; CASEY, R.A.; BROWN, S.L. *The behaviour of the domestic cat*. Wallingford: CABI International, 2012.
- <sup>42</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>43</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.

- <sup>44</sup> BRADSHAW, J.W.S.; CASEY, R.A.; BROWN, S.L. *The behaviour of the domestic cat*. Wallingford: CABI International, 2012, *passim*.
- <sup>45</sup> *Idem, ibidem*
- <sup>46</sup> MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R.L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *Revista Interthesis*, v.11, n.1, p.231-253, 2014.
- <sup>47</sup> CROWELL-DAVIS, S.L.; CURTIS, T.M.; KNOWLES, R.J. Social organization in the cat: A modern understanding. *Journal of Feline Medicine Surgery*, v.6, n.1, p.19-28, 2004.
- <sup>48</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>49</sup> *Idem, ibidem*
- <sup>50</sup> CROWELL-DAVIS, S.L.; CURTIS, T.M.; KNOWLES, R.J. Social organization in the cat: A modern understanding. *Journal of Feline Medicine Surgery*, v.6, n.1, p.19-28, 2004.
- <sup>51</sup> NATOLI, E.; BAGGIO, A.; PONTIER, D. Male and female agonistic and affiliative relationships in a social group of farm cats (*Felis catus* L.). *Behavioural Processes*, v.53, n.1-2, p.197-143, 2001.
- <sup>52</sup> CROWELL-DAVIS, S.L.; CURTIS, T.M.; KNOWLES, R.J. Social organization in the cat: A modern understanding. *Journal of Feline Medicine Surgery*, v.6, n.1, p.19-28, 2004.
- <sup>53</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>54</sup> SOUZA-DANTAS, L.M. et al. Epidemiology of domestic cat behavior and welfare issues: a survey of Brazilian referral animal hospitals in 2009. *International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine*, v.7, p.130-137, 2009.
- <sup>55</sup> ELLIS, S.L.H. Environmental enrichment: Practical strategies for improving feline welfare. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v.11, n.11, p. 901-912, 2009.
- <sup>56</sup> MENDEL, M.; HARCOURT, R. Individuality in the domestic cats: origins, development and stability. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The*

- domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-64.
- <sup>57</sup> LOSS, S.R.; WILL, T.; MARRA, P. The impact of free-ranging domestic cats on wildlife of the United States. *Nature Communications*, v.4, article number 1396, p. 1-7, 2013.
- <sup>57</sup> BRADSHAW, J.W.S.; CASEY, R.A.; BROWN, S.L. *The behaviour of the domestic cat*. Wallingford: CABI International, 2012.
- <sup>58</sup> NEW, J.C. et al. Moving: Characteristics of dogs and cats and those relinquishing them to 12 U.S. animal shelters. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.2, p.83-96, 1999.
- <sup>59</sup> PODBERSCEK, A.L. Illuminating issues of companion animal welfare through research into human–animal interactions. *Animal Welfare*, v.6, p.365-372, 1997.
- <sup>60</sup> Vide SHORE, E. Returning a recently adopted companion animal: adopters' reasons for and reactions to the failed adoption experience. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.8, p.187-198, 2005. Em uma analogia com o casamento, Shore afirma que substituir a expectativa de “felizes para sempre”, pelo entendimento de que “o casamento dá trabalho”, pode reduzir os abandonos ao alterar as expectativas do adotante. Essa mudança também pode aumentar a disposição dos adotantes em buscar assistência na fase de adaptação com o animal adotado. A oferta de cursos de formação de novos tutores e outros serviços que mantêm os adotantes em contato com o abrigo pode ajudar nestes processos.
- <sup>61</sup> BRASIL. Lei nº. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 13 fev. 1998.
- <sup>62</sup> SINGER, P. *Ética Prática*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 66.
- <sup>63</sup> KELLERT, S. R.; FELTHOUS, A. R. Childhood cruelty to animals among criminals and non-criminals. In: RIBBANS, G. *Cruelty to Animals and Interpersonal Violence: Readings in Research and Application*. USA: Purdue University Press, 1997. p. 69-76.

- <sup>64</sup> FONSECA, A.C.; DIAS, S.S. O Problema da Crueldade Contra Animais na Infância: Suas Dimensões e Consequências. *Revista portuguesa de pedagogia*, Ano 45-2, p.71-92, 2011.
- <sup>65</sup> BEKOFF, M.; PIERCE, J. *Wild Justice: The Moral Lives of Animals*. Chicago: Chicago Press, 2009, *passim*.
- <sup>66</sup> PAVARINO, M.G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, v.36, p.127-134, 2005.
- <sup>67</sup> BAHLLIG-PIEREN, Z.; TURNER, D. Anthropomorphic interpretations and ethological descriptions of dog and cat behavior by lay people. *Anthrozoös*, v. 12, n. 4, p. 205-210, 1999.
- <sup>68</sup> MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R.L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *Revista Interthesis*, v.11, n.1, p.231-253, 2014.
- <sup>69</sup> LOCKWOOD, R. Cruelty toward cats: Changing perspectives. In: SALEM, D.J.; ROWAN, A.N. *The state of the animals III*. Washington, D.C: Humane Society, 2005. cap.2, p. 15-26.
- <sup>70</sup> MERK, M.D. *Veterinary Forensics: Animal cruelty investigations*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, *passim*.
- <sup>71</sup> MARLET, E.F.; MAIORKA, P.C. Análise retrospectiva de casos de maus tratos contra cães e gatos na cidade de São Paulo. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 47, n.5, p. 385-394, 2010.
- <sup>72</sup> ASPCA: American Society for the Prevention of Cruelty to Animals. *Preventing Your Cat from Getting Outside*, 2014. Disponível em: <<http://www.asPCA.org/pet-care/virtual-pet-behaviorist/cat-behavior/preventing-your-cat-getting-outside>>. Acesso em: mar. 2014.
- <sup>73</sup> CROWELL-DAVIS, S.L.; CURTIS, T.M.; KNOWLES, R.J. Social organization in the cat: A modern understanding. *Journal of Feline Medicine Surgery*, v.6, n.1, p.19-28, 2004.
- <sup>74</sup> BERNARDI, F.; SOTO, F. R. M. Experiência da implantação do registro geral animal com identificação não permanente e microchip, em cães e gatos no município de Ibiúna-SP, Brasil. *Revista Ciência em Extensão*, v.5, p.37-42, 2009.

- <sup>75</sup> LOCKWOOD, R. Cruelty toward cats: Changing perspectives. In: SALEM, D.J.; ROWAN, A.N. *The state of the animals III*. Washington, D.C: Humane Society, 2005. cap.2, p. 15-26.
- <sup>76</sup> Idem, *ibidem*
- <sup>77</sup> MERK, M.D. *Veterinary Forensics: Animal cruelty investigations*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, *passim*.
- <sup>78</sup> OSÓRIO, A. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. *Ilha*, v.12, n.2, p.232-259, 2011.
- <sup>79</sup> ARLUKE, A.; SANDERS, C.R. *Regarding Animals*. Temple University Press: Philadelphia, 1996. De acordo com estes autores a sociedade humana possui uma tendência em hierarquizar em uma escala de valores todos os seus componentes. Neste sentido, os animais não humanos podem ser classificados em uma escala biológica e também oralmente (escala sociozoológica). De acordo com esta última escala, animais caracterizados como “bons” possuem, status moral elevado porque parecem aceitar a condição de subordinação em que a sociedade os coloca. É o caso dos animais usados como companhia, produção e laboratório. Já os animais vistos como “maus” possuem reduzido status moral porque o seu lugar de subordinação é incerto ou eles aparentam não aceitar tal condição. Isto inclui animais classificados como muito exóticos, vermes e pestes. Estas construções sociais fazem com que as pessoas se sintam autorizadas a tomar certas atitudes, mesmo que inconsistentes e justificar as ações que realizam em direção aos animais.
- <sup>80</sup> LOSS, S.R.; WILL, T.; MARRA, P. The impact of free-ranging domestic cats on wildlife of the United States. *Nature Communications*, v.4, article number 1396, p. 1-7, 2013.
- <sup>81</sup> MORGAN, G. *What New Zealand looks like without cats?* Disponível em: <<http://garethsworld.com/catstogo/>>. Acesso em 07 mai. 2014.
- <sup>82</sup> BEAVER, B.V. *Feline Behavior: A guide for veterinarians*. Philadelphia: Saunders, 1992, *passim*.
- <sup>83</sup> FITZGERALD, M.B.; TURNER, D. Hunting behaviour of domestic cats and their impact on prey populations. In: TURNER, D.C ; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 152-175.

- <sup>84</sup> RUXTON, G.D.; THOMAS, S.; WRIGHT, J.W. Bells reduce predation of wildlife by domestic cats (*Felis catus*). *Journal of Zoology*, v.256, p.81-83, 2002.
- <sup>85</sup> LOCKWOOD, R. Cruelty toward cats: Changing perspectives. In: SALEM, D.J.; ROWAN, A.N. *The state of the animals III*. Washington, D.C: Humane Society, 2005. cap.2, p. 15-26.
- <sup>86</sup> LIBERG, O. et al. Density, spatial organization and reproductive tactics in the domestic cat and other felids. In: TURNER, D.C ; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 119-147.
- <sup>87</sup> LOCKWOOD, R. Cruelty toward cats: Changing perspectives. In: SALEM, D.J.; ROWAN, A.N. *The state of the animals III*. Washington, D.C: Humane Society, 2005. cap.2, p. 15-26.
- <sup>88</sup> OSÓRIO, A. Alguns aspectos simbólicos acerca do gato. *Ilha*, v.12, n.2, p.232-259, 2011.
- <sup>89</sup> KOGAN, L.R.; SCHOENFELD-TACHER, R.; HELLYER, P. Cats in Animal Shelters: Exploring the Common Perception that Black Cats Take Longer to Adopt. *The Open Veterinary Science Journal*, v.7, p.18-22, 2013.
- <sup>90</sup> SANTANA, L.R; OLIVEIRA, T.P. Guarda responsável e dignidade aos animais. *Revista Brasileira de Direito Animal*, v.1, p.207-230, 2006.
- <sup>91</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>92</sup> GOURKOW, N.; FRASER, D. The effect of housing and handling practices on the welfare, behavior and selection of domestic cats (*Felis silvestris catus*) by adopters in an animal shelter. *Animal Welfare*, v.15, p.371-377, 2006.
- <sup>93</sup> TURNER, D.C. The human-animal relationship. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 191-206.
- <sup>94</sup> FANTUZZI, J.M.; MILLER, K.A; WEISS, E. Factors Relevant to Adoption of Cats in an Animal Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.13, p.174-179, 2010.

- <sup>95</sup> GOURKOW, N. *Factors affecting the welfare and adoption rate of cats in an animal shelter*. 2001.60fls. Dissertação (Mestrado) - Faculty of Agricultural Sciences, Animal Science, University of British Columbia, Vancouver, Canadá, 2001.
- <sup>96</sup> STAMMBACH, K.B.; TURNER, D.C. Understanding the Human–Cat Relationship: Human Social Support or Attachment. *Anthrozoös*, v.12, p.162-168, 1999.
- <sup>97</sup> ZASLOFF, R.L.; KIDD, A.H. Loneliness and pet ownership among single women. *Psychological Reports*, v.75, n.2, p.747-752, 1994.
- <sup>98</sup> ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 207-226.
- <sup>99</sup> ELLIS, S.L.H. Environmental enrichment: Practical strategies for improving feline welfare. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v.11, n.11, p. 901-912, 2009.
- <sup>100</sup> MENDEL, M.; HARCOURT, R. Individuality in the domestic cats: origins, development and stability. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. *The domestic cat: The Biology of its Behaviour*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-64.
- <sup>101</sup> NEIDHARD, L.; BOYD, R. Companion Animal Adoption Study. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.5, p.175-192, 2002.
- <sup>102</sup> MACHADO, J.C.; PAIXÃO, R.L. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *Revista Interthesis*, v.11, n.1, p.231-253, 2014.
- <sup>103</sup> LEPPER, M.; KASS, P.H.; HART, L.A. Prediction of Adoption versus Euthanasia among Dogs and Cats in a California Animal Shelter. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v.5, p.29-42, 2002.
- <sup>104</sup> KOGAN, L.R.; SCHOENFELD-TACHER, R.; HELLYER, P. Cats in Animal Shelters: Exploring the Common Perception that Black Cats Take Longer to Adopt. *The Open Veterinary Science Journal*, v.7, p.18-22, 2013.